

Montagens do Imaginário Brasileiro na Vinheta de Abertura da Telenovela *Vale Tudo* (2025)¹

Rafael Alessandro Viana²
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Daniele Ferreira Paiva³
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Hertz Wendell de Camargo⁴
Universidade Federal do Paraná - UFPR

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da vinheta de abertura da telenovela *Vale Tudo* (2025) a partir de um estudo formal acerca de seus recursos de montagem e da análise imagética de seus planos pelo cruzamento de imagens. Com isso buscamos compreender quais sentidos são produzidos no espectador com sua proposta de montagem em continuidade (*raccord*) e desvendar o imaginário de um Brasil que está sendo mobilizado na vinheta a partir dessas imagens.

PALAVRAS-CHAVE: montagem; imagem; imaginário; telenovela; *Vale tudo*.

INTRODUÇÃO

Vale tudo (2025) é uma regravação da telenovela de mesmo nome, exibida originalmente entre 1988 e 1989, agora adaptada por Manuela Dias e que estreou em março de 2025 nas telas da TV Globo. Embalada pela canção *Brasil*, interpretada por Gal Costa, a vinheta de abertura da novela apresenta ao longo de um minuto uma sucessão de mais de cem imagens que propõem uma representação do Brasil e dos brasileiros.

A primeira aproximação que propomos ao objeto se dá pela análise fílmica. Esse estudo formal seria um primeiro passo para desvelar a linguagem cinematográfica aqui empregada - com destaque para a montagem - enquanto um recurso narrativo, de produção de sentidos. Ancorados na teoria de montagem do cinema narrativo, com ênfase no uso do *raccord*, propomos a partir dos estudos de Vincent Amiel (2007) uma análise

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 14 - Imaginário, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de graduação no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Curitiba II/FAP, e-mail: rafaelalexandro@yahoo.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR), e-mail: danielepaiva@ufpr.br

⁴ Doutor em Estudos da Linguagem, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR), e-mail: hzwendell@gmail.com

de como a vinheta de abertura da telenovela pode propor, no modo de articular seus planos, algo que vai além da simples disposição sequencial de imagens.

Para além da montagem, propomos ainda uma análise imagética dessa vinheta de abertura a partir do cruzamento de imagens. O dispositivo analítico proposto por Etienne Samain (2012), que advém de seus estudos acerca do *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg, poderá nos ajudar a compreender qual seria o imaginário brasileiro que a abertura de *Vale tudo* mobiliza em seu espectador.

A MONTAGEM COMO RECURSO NARRATIVO

A montagem da vinheta de abertura de *Vale tudo* é dinâmica e acelerada. Seus mais de cem planos não duram mais do que dois segundos em tela antes de dar lugar a imagem seguinte, que tão prontamente será substituída por outra. Mesmo com essa troca acelerada, a montagem não parece interessada em explorar um potencial contraste ou choque entre essas imagens. Existe, na verdade, um esforço empreendido no gesto do montador em amenizar o corte, conectando essas imagens por meio de seus movimentos, cores, formatos, e estabelecendo, assim, uma continuidade entre diferentes planos - ou um *raccord*.

Vincent Amiel (2007), em *Estética da montagem*, descreve o *raccord* como um recurso de montagem que cria uma continuidade entre os planos, apesar do corte que os separa. O recurso almeja, desse modo, amenizar o impacto do corte enquanto uma ruptura definitiva e radical.

No caso da vinheta de abertura de *Vale tudo*, o *raccord* não é somente um recurso estético, que se manifesta apenas em prol de um dinamismo, mas também um elemento de produção de sentidos, uma vez que “o princípio do *raccord* de continuidade [...] é precisamente o de manifestar uma ligação intencional entre os planos, que é assimilável a uma narrativa concreta” (Amiel, 2007, p. 34).

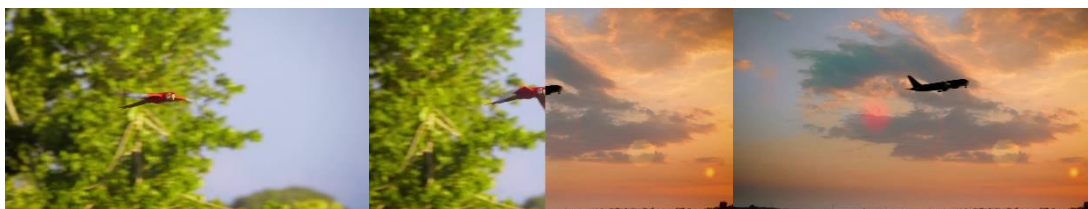
Pensar o *raccord* apenas como recurso estético seria negar o potencial discursivo do seu uso ao longo da vinheta. Como no movimento em *tilt* (de cima para baixo) que começa no topo de um prédio em construção (figura 1), passa pelas janelas de um prédio já finalizado (figura 2) e conclui seu movimento enquadrando casas de uma favela (figura 3).



Figuras 1, 2 e 3 - *Raccord* de movimento na vinheta de abertura de *Vale tudo* (2025).

As imagens que poderiam ser apresentadas separadamente, aqui compartilham em tela um mesmo movimento. Esse movimento de câmera propõe mais do que uma coexistência entre as imagens e os espaços, mas também uma conexão entre eles. Nessa constituição diegética criada pela montagem, a favela ocuparia um lugar de base desse prédio.

O voo de uma arara que se transforma em um avião pela montagem também é um exemplo de *raccord*. É graças à mesma direção e sentido do movimento que acontece dentro de ambos os planos que a analogia funciona. Aqui, reforçada também pela divisão de tela (figura 5) que propõe uma invasão gradual do segundo plano sobre o primeiro, permitindo uma breve coexistência de ambos os planos e evidenciando a transformação desse animal em nave na tela.



Figuras 4, 5 e 6 - *Raccord* de movimento na vinheta de abertura de *Vale tudo* (2025).

Aqui, tal qual o osso jogado para cima pelo primata em *2001: Uma odisseia no espaço* (1968), que se transforma em um objeto espacial por um recurso de montagem que elipsa em seu corte toda a evolução da espécie, a justaposição de imagens que representam natureza e tecnologia também parece nos propor uma reflexão.

Enquanto o primeiro *raccord* é capaz de evocar discussões acerca da distribuição de renda e classes-sociais, o segundo busca estabelecer uma relação entre natureza e progresso - uma coexistência que dentro da tela pode parecer graficamente simétrica e pacífica, mas que fora dela se antagonizam em uma disputa de espaço e, por vezes, se direcionam para sentidos opostos.

IMAGENS E IMAGINÁRIO DO BRASIL

A partir da definição de Gilbert Durand (2004) sobre o imaginário enquanto um “‘museu’ de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (Durand, 2004, p. 6), compreendemos o gesto curatorial da vinheta de abertura de *Vale tudo*, ao unir diferentes imagens que representariam o Brasil, também como uma proposta de mobilização de um imaginário referente ao país.

Para a análise dessas imagens e desse imaginário nos apoiaremos nos estudos de Etienne Samain (2012) acerca do cruzamento de imagens enquanto um dispositivo capaz de despertar o poder de ideação das imagens. Para Samain, “a imagem teria ‘vida própria’ e um verdadeiro ‘poder de ideação’ (isto é, um potencial intrínseco de suscitar pensamento e ‘ideias’) ao se associar a outras imagens” (Samain, 2012, p. 23).

Como analisamos anteriormente, essa associação entre as imagens já existia na montagem proposta originalmente pela vinheta de abertura. Agora, para estabelecermos uma análise imagética, abriremos mão do movimento e da duração dos planos ao reduzi-los ao frame - o congelamento do plano em uma única imagem.

Será a partir do frame que propomos a organização de um painel que contém as mesmas imagens presentes na vinheta de abertura, mas que agora se libertam da velocidade frenética da montagem e permitirão que o espectador possa realizar suas próprias associações. Se na vinheta de abertura uma imagem substitui a outra, estabelecendo relações de sentidos diretamente apenas com sua antecessora e sucessora, agora propomos uma visão geral e simultânea dessas imagens.

Ao tratar do Atlas de Warburg, Samain aponta que “Mnemosyne é todavia mais que uma memória viva do passado passional e patético de parte das culturas humanas. Ela é a memória coletiva de nosso presente e de nosso futuro cultural” (Samain, 2012, p. 65). Deste modo, se nas pranchas de seu *Atlas Mnemosyne* Aby Warburg buscou analisar como o renascimento reinterpretou a antiguidade pagã, essa prancha agora proposta por nós poderia ser capaz de revelar qual imaginário de Brasil se manifesta ou se revela a partir do cruzamento de imagens da vinheta de abertura de *Vale tudo*.



Figura 7 - Prancha de imagens da vinheta de abertura de Vale tudo (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição da prancha de imagens é apenas um primeiro passo para compreender o imaginário de Brasil que a vinheta de abertura de *Vale tudo* parece querer mobilizar em seu espectador. A imobilidade dos planos e sua simultaneidade na tela permitem uma visada mais demorada, libertando o olhar do leitor para estabelecer novas relações entre os planos que a montagem acelerada não permitia.

Note como nosso gesto, ao propor o cruzamento de imagens em uma prancha, não se distancia tanto da proposta do montador com sua montagem em continuidade. Afinal, o que o *raccord* também propõe não é uma contraposição de imagens, mas uma união, uma justaposição, uma coexistência.

Assim como em Samain, a apreensão acerca do pensamento das imagens e pelas imagens, aqui se dá pelo cruzamento entre elas, a partir do cotejo, da comparação, da colagem. O que propomos é colocar essas imagens em diálogo e fazer seu pensamento emergir.

REFERÊNCIAS

- 2001: uma odisseia no espaço. Direção: Stanley Kubrick. Produção: Stanley Kubrick Productions. Estados Unidos: MGM, 1968.
- AMIEL, Vincent. **Estética da montagem**. Texto & grafia: 2007.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico do cinema**. Texto & grafia: 2008.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução Renée Eve Levié. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.
- SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.